

Decisão cria desconfiança entre líderes da coligação

Brizola recusa proposta de conciliação para que partidos ignorem indicações de rebeldes

RICARDO AMARAL

BRASÍLIA – Depois de 18 anos de conflitos internos, o PT finalmente rachou, com a decisão da seção do Rio de lançar a candidatura do ex-deputado Wladimir Palmeira ao governo do Estado. A direção nacional do partido não tem outra saída senão anular a decisão, pela força de um encontro nacional. “Eles provocaram o confronto”, disse ao *Estado* o presidente do partido, José Dirceu, prevendo um rompimento irremediável, pois os derrotados devem deixar a legenda.

O episódio transbordou do PT para criar desconfianças recíprocas entre os líderes dos quatro partidos da Frente Brasil Popular (além do PT, o PDT, o PSB e o PC

do B). Leonel Brizola, do PDT, recusou a única proposta de conciliação apresentada no encontro de ontem entre os chefes da esquerda.

A proposta foi apresentada pelo governador do Distrito Federal, Cristóvam Buarque (PT), que tem boas e históricas relações com Brizola e com o governador de Pernambuco, Miguel Arraes, presidente do PSB. Articulador do encontro, Cristóvam sugeriu que a frente adotasse seus próprios candidatos aos governos estaduais, abandonando os indicados por frações rebeldes. “No Rio, por exemplo, nosso candidato será Anthony Garotinho, do PDT, e é no palanque dele que estarão Lula e Brizola, deixando claro que nosso candidato não é Wladimir”, disse Cristóvam.

Lula, Dirceu, Arraes e o presidente do PC do B, João Amazonas, já haviam demonstrado simpatia à solução, que atendia aos interesses do PSB: o partido depende de coligações com o PT em todos os Estados onde tem bons candidatos e precisa de uma solução rápida para a crise da aliança. Brizola, no entanto, recusou de pronto. Ele ainda se recorda das eleições para a Prefeitura de Belo Horizonte, em 1996, quando a direção nacional do PT adotou a candidatura de Célio de Castro (PSB), mas a máquina e os militantes locais quase levaram ao segundo turno o rebelde Virgílio Guimarães. Ele argumenta que o mesmo ocorrerá no Rio se a candidatura do PT não for legalmente extinta.

Dessa forma, Lula e José Dirceu saíram do encontro acuados, praticamente com a obrigação de intervir no Rio. Lula deixou claro a todos que não será candidato sem resolver a questão, mas está sem interlocutores

com os rebeldes fluminenses. Nem ele nem Dirceu falaram com Wladimir Palmeira. “Duvido que ele ouça argumentos”, disse Dirceu. O senador Eduardo Suplicy (PT-SP) telefonou para Palmeira e não ouviu boas notícias. “Ele argumenta que não tinha compromisso em apoiar o candidato do PDT e que a candidatura própria fortalece Lula no Rio”, contou Suplicy. “Também diz ter um compromisso de Lula de apoiar o resultado da convenção do Rio”.

“Vai ter que ser na base da intervenção, o que não é inédito na história do PT”, reagiu o deputado José Genoíno (PT-SP). “Infelizmente, o Rio antecipou e precipitou um racha no partido, que terá dimensões nacionais.”

LULA E DIRCEU
AINDA NÃO
CONVERSARAM
COM PALMEIRA

CRONOLOGIA

O PT e o PDT já tentaram formalizar alianças de oposição pelo menos cinco vezes desde a primeira eleição presidencial após a redemocratização. As duas legendas, porém, nunca chegaram a um acordo.

■ 1986 – Unidos na campanha pelas Diretas-Já, Lula e Brizola criam a aliança PDT-PT e planejam lançar chapa única na primeira eleição direta para a Presidência, depois do período militar. Brizola seria o candidato a presidente e Lula seu vice.

■ 1989 – As duas legendas não conseguem acordo. Lula e Brizola lançam candidaturas individuais. Lula vai para o segundo turno com Fernando Collor e Brizola apóia o petista dizendo que as elites terão de “engolir o sapo barbudo”.

■ 1990 – O Rio também é um dos Estados responsáveis pela quebra do acordo de alianças entre os dois partidos para as eleições estaduais. Brizola desiste de formar alianças com Lula nas eleições porque o PT do Rio e o do Rio Grande do Sul recusam-

se a apoiar os candidatos pedetistas em seus Estados. O acordo prevê que o PDT apoiará o candidato do PT em São Paulo, Plínio de Arruda Sampaio.

■ 1994 – Mais uma vez Lula e Brizola cogitam a possibilidade de lançar chapa única para as eleições presidenciais. A aliança não sai porque nenhum dos dois políticos quer abrir mão da cabeça de chapa. Na ocasião, o PT insiste que Brizola deve aceitar ser o vice da chapa porque Lula é apontado como líder nas pesquisas de intenção de voto, com 40% das preferências. Brizola não concorda e, mais uma vez, a esquerda vai para a disputa dividida.

■ 1998 – Depois de meses de negociação, fica definido que Brizola será o vice de Lula na chapa que deve combater o presidente Fernando Henrique Cardoso. A condição imposta pelo PDT é o apoio do PT à candidatura do pedetista Anthony Garotinho. O PT conta a aliança como certa, mas a convenção do Rio dá vitória à candidatura própria do ex-deputado Wladimir Palmeira.